

## UM PROBLEMA DE SEMÂNTICA

Horácio Rolim de Freitas  
UERJ

Na nomenclatura dos estudos semânticos, lidamos com dois termos que, freqüentemente, trazem ambigüidade, gerando a natural confusão entre os estudiosos. Trata-se de *homonímia* e *polissemia*.

A maioria de nossas gramáticas distingue os dois termos, considerando *homonímia* o caso de palavras ou vocábulos com a mesma pronúncia, mas de significações diferentes, e *polissemia* como palavra ou vocábulo com mais de uma significação. Exemplificando, teremos no primeiro caso: *sã o* (verbo), *sã o* (adjetivo) e *sã o* (substantivo); no segundo caso, *m a n g a*, que pode significar *fruta* ou *parte de indumentária*.

Acresce que o ponto de vista que norteia tal distinção, baseia-se no conhecimento diacrônico. Os estudiosos vêem, na origem histórica, a *convergência* para *são* das palavras *sunt* (verbo), *sanu* (adjetivo) e *sanctu* (santo, substantivo). Ou uma palavra, como *lima*, que pode funcionar no contexto, com a significação de *ferramenta* ou *fruta* (laranja).

Matoso Câmara<sup>1</sup> fez a seguinte distinção:

– *homonímia*: “duas ou mais formas distintas pela significação ou função têm a mesma estrutura fônica”

– *polissemia*: “uma forma com várias significações num contexto.”

É preciso, porém, explicar-se o conceito de forma e de palavra. Em *são*, por exemplo, devemos considerar uma ou duas ou três palavras?

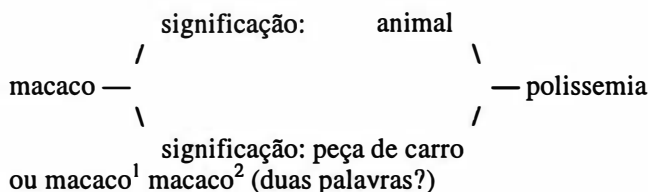
Kurt Baldinger<sup>2</sup>, na obra *Teoria Semântica*, só aceita distinção entre *homonímia* e *polissemia*, no campo diacrônico. No campo sincrônico, dá-se o seguinte impasse:

a) duas palavras, por exemplo: *rio* (substantivo) e *rio* (verbo) podem sentir-se como *uma palavra* com duas significações:

(1) rio ——— significação de *rir* (verbo) ——— *homonímia*

(2) rio ——— significação de *rio* (substantivo) ou *rio* (uma palavra?)

b) uma palavra com duas significações: *macaco*, significando *animal* ou *peça de carro*, pode sentir-se como duas palavras:



Se, no primeiro caso, as duas palavras “rio” forem ditas como *uma* com duas significações, a homonímia passará a polissemia. No 2º caso, a palavra *macaco*, sendo interpretada como *duas*, com duas significações, a polissemia passará a homonímia. A essa conclusão chegou Baldinger<sup>3</sup>: “Así, pues, en el plano de la sincronia ... la homonimia puede llegar a ser polissemia, la polissemia homonimia.”

Sendo a *palavra* uma unidade construída, de caráter formal”, como a definiu Pottier<sup>4</sup>, o exemplo anterior (*macaco*) pode constituir *uma* ou duas palavras. Para evitar tal ambigüidade, o referido lingüista distingue *palavra* de *lexia*. Esta representa uma *unidade de comportamento, memorizada*, de caráter funcional. Num contexto, distinguir-se-ão duas *lexias*: *macaco* (animal) e *macaco* (peça de carro).

Outros lingüistas têm-se insurgido contra a distinção entre homonímia e polissemia. John Lyons<sup>5</sup>, na obra *Linguistique Générale*, assim se pronuncia: “A distinção entre homonímia e polissemia ressalta, claramente, a organização dos dicionários dos quais nos servimos constantemente: quando o lexicógrafo reco-nhece *homônimos*, encontram-se registros separados, ao passo que, onde ele só considera uma palavra única polissêmica, não haverá mais que um só registro. A distinção entre homonímia e polissemia é indeterminada e arbitrária.”

Também, Ullman<sup>6</sup> ressalta a dificuldade de tal distinção, como se pode observar no seguinte trecho: “A passagem da polissemia à homonímia põe o mesmo problema que o processo inverso. Uma vez que não é possível medir o grau de proximidade dos significados, como afirmou Bloomfield, é difícil dizer nos casos particulares onde termina a polissemia e onde começa a homonímia.”

Queremos crer que tal dificuldade de distinção, ou ausência de possibilidades, reside no fato de misturarem-se planos distintos da língua. Enquanto a homonímia pertence aos campos *mórfico* e *fônico*, isto é, coincidência formal e fônica, polissemia refere-se à semântica.

A distinção, em cada campo da língua, dar-se-á da seguinte maneira:

#### *no campo mórfico*

– *homonímia*: um significante representando mais de uma significação: *são* (significação<sup>1</sup>, significação<sup>2</sup>, significação<sup>3</sup>)

– *heteronímia*: mais de um significante representando uma significação, como, por exemplo: *diabo*, *cão*, *capeta*, etc. que traduzem a idéia de “diabo”.

*no campo semântico*

– *monossemia*: um significado correspondente a um significante, É o caso dos termos em Química: *ferro*, por exemplo, substituível sempre pelo símbolo Fe (exemplo de J. Dubois<sup>7</sup> in *Dicionário de Linguística*)

– *sinonímia*: um significado representado por vários significantes, como “diabo” por *capeta*, *cão*, *diabo*, etc.

– *polissemia*: vários significados representados por um significante, como *são* (verbo), *são* (adjetivo) e *são* (substantivo) — *sã o*

Observa-se, portanto, que a indistinção dos campos *mórfico* e *semântico* é que acarreta a ambigüidade de conceitos. O termo *sã o*, por exemplo, tanto pode ser enquadrado na *homonímia* – três palavras com igualdade fônica e significações diferentes – como na *polissemia*, uma palavra com mais de uma significação.

À distribuição no campo semântico acresceu John Lyons<sup>8</sup> a distinção entre *sinonímia* e *hiponímia*. Enquanto, na primeira, a implicação no significado é *bilateral*: dizer-falar / falar-dizer, na *hiponímia* “a relação de significado existente entre dois termos é *unilateral*”. Assim, o termo hipônimo está incluído no outro, sem que suceda o inverso: *escarlate* está em *vermelho* (o inverso não acontece); *tulipa* está em *flor* (mas toda flor não é uma tulipa).

Mas o aspecto que deve, realmente, ser levado em consideração é o referente ao valor contextual. Este princípio é defendido por A. Martinet<sup>9</sup>, ao afirmar que “qualquer elemento linguístico só tem realmente valor quando integrado em contexto ou em situação. Um monema ou signo comporta virtualidades semânticas realizadas efetivamente no discurso.”

Exemplifica Martinet:

a) Mon cousin Charles m’a écrit.

(Meu primo Charles escreveu-me)

b) Les cousins ne résistent pas au fly-tox.

(Os mosquitos não resistem ao fly-tox.)

Sob esse princípio haverá três monemas: *são* (verbo), *são* (adjetivo) e *são* (substantivo). A coincidência formal e fônica (homografia e homofonia) não pertence ao campo semântico. A homonímia só cabe no campo do significante.

Segundo Pottier<sup>10</sup> (1968), haverá polissemia quando dois sememas análogos mantêm uma certa afinidade. Exemplifica com a palavra *cubierta* (capa, cobertura) de livro, de cama. Semelhantemente, teríamos polissemia em expressões como: *folha de papel*, *folha de árvore*.

Não concordamos com a existência de polissemia, também, nesses casos, visto que o elemento núcleo (*cubierta*, *folha*) depende de um determinante, que o especificou, e os semas (traços semânticos pertinentes) de cada expressão irão, ob-

viamente, distingui-los. Logo, não será a palavra *cubierta* (ou *folha*) que apresentará mais de uma significação, mas o núcleo e os elementos determinantes, constituindo um sintagma semântico, um todo significativo, com o valor contextual determinado.

Em obra posterior,<sup>11</sup> e <sup>12</sup> Pottier propõe a seguinte distinção:

*homonímia* – relação entre dois signos tendo um mesmo significante e duas substâncias do significado totalmente separadas.

signo 1– raio (foco luminoso)

signo 2– raio (distância dos pontos de uma circunferência)

signo 1– rádio (osso de antebraço)

signo 2– rádio (aparelho emissor e receptor)

*polissemia* – relação entre substâncias do significado que se cruzam parcialmente, com um único significante.

significado: *pena*

substância do significado 1– pena (de pássaro)

substância do significado 2– pena (de escrever)

Ambos têm um *só significante*.

Ainda nessa segunda abordagem do assunto, não vemos solucionada tal distinção. Tanto em *raio*, *rádio* (homonímia), como em *pena* (polissemia), trata-se de duas substâncias do significado com um só significante.

Ao explicar a evolução da palavra *pena*, Pottier conclui:

“Há com efeito um *dinamismo*, ligado à história da língua, no caráter da relação. Uma polissemia pode nascer, reduzindo-se paulatinamente a uma homonímia.”

Ora, a mesma conclusão cabe para os exemplos *raio* e *radio*. Só a diacronia nos poderá dizer se houve, ou não, cruzamento das substâncias do significado. Logo, sobre o assunto três afirmações podem ser feitas:

1ª. a coincidência formal não pertence ao campo semântico;

2ª. os sememas se realizam no contexto, onde são depreendidos seus valores;

3ª. a lição de Baldinger é válida: só diacronicamente se pode distinguir homonímia e polissemia.

#### **A visão de E. Coseriu**

Ainda sobre o assunto é oportuno lembrar que E. Coseriu apresenta outro enfoque na determinação de polissemia, caracterizando-a como um fato de língua. Trata-se, diz-nos Coseriu, “de distintas unidades funcionais, de conteúdos lingüísticos distintos.”

Assim, haverá polissemia em:

- a) Musa, *entre* por aquela porta!
- b) O livro estava *entre* a coluna e a estante. (os exemplos são nossos.)
- c) Quem *casa* quer *casa*.

Os dois termos *entre* (1) e *entre* (2) constituem unidades funcionais distintas, reconhecidas no contexto frasal. Chamamos a atenção de que se trata do campo semântico, não se fazendo referência, porque imprópria, aos campos formal e fônico. Outra não é a opinião de Coseriu, quando esclarece “somente por casualidade coincidem na expressão material” (cfr. op.<sup>13</sup> Coseriu, pág. 187)

Ensina-nos o mestre que não se deve confundir *polissemia*, pertencente à língua, com *polivalência*, fato do discurso, da fala, caso em que se trata “sempre da mesma unidade funcional, de um só significado, ao qual se juntam várias acepções, pelo contexto e pela *designação*, isto é, pelo conhecimento dos “estados de coisas extralinguísticas.”

Cumpra, aqui, explicitar a distinção que faz Coseriu entre *designação* e *significado*.

A *designação* situa-se no *mundo extralinguístico*, refere-se a uma coisa ou estado de coisas numa situação determinada. O *significado* é o *conteúdo linguístico* como *valor* de língua, historicamente determinado; diz respeito ao saber idiomático. Enquanto a *significação* é conceitual, a *designação*, ao contrário, é objetiva. Esta, portanto, pertence ao *discurso*, e, aquela, à *língua*.

É sugestivo o exemplo colhido em Baldinger (op. cit. pág. 37), onde a palavra *vivo* se destaca pela designação contextual de “esperto, ladino, astuto, embromador”.

- Quantos filhos você tem?
- Sete
- Todos vivos?
- Não, um trabalha.

Diz-nos, ainda, Coseriu que “as relações de significação são as relações entre os significados e os signos linguísticos”.

Ilustra bem o exemplo clássico de Saussure. Em Inglês, *sheep* e *mutton* designam a mesma classe de objetos: “carneiro”, porém têm significações diferentes. *Sheep* significa o carneiro animal, ao passo que *mutton* significa a carne de carneiro, que se come na refeição.

Já as relações de *designação* são as relações entre o *signo linguístico* e os *objetos*, isto é, traduzem a *realidade* a que se referem e a qual representam no discurso.

Por pertencer à língua, só o significado pode ser estruturado nas línguas, o que não ocorre com a *designação* que depende do extralinguístico, das acepções do contexto.

Aplicamos o conceito de Coseriu ao poema *Catar Feijão*, de João Cabral de Melo Neto, para exemplificação de *polivalência*.

Catar feijão se limita com escrever:  
 joga-se os grãos<sup>1</sup> na água do alguidar  
 e as palavras na da folha de papel;  
 e depois, joga-se fora o que boiar.  
 Certo, toda palavra boiará no papel,  
 água congelada, por chumbo seu verbo;  
 pois para catar esse feijão, soprar nele,  
 e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:  
 o de que os grãos<sup>2</sup> pesados entre  
 um grão<sup>3</sup> qualquer, pedra ou indigesto,  
 um grão<sup>4</sup> imastigável, de quebrar dente.

Certo não, ao catar palavras:  
 a pedra dá à frase seu grão<sup>5</sup> mais vivo:  
 obstrui a leitura fluviante, flutual,  
 açula a atenção, isca-a com o risco.

(João Cabral, 1979: 18-19)

Destaquemos os valores que apresenta a palavra *g r ã o*:

Grão 1 – significado próprio (grão de feijão)

Grão 2 – comparação entre feijão e palavra

Grão 3 e 4 – diferente (pedra, detrito)

Grão 5 – palavra

Constatamos que no emprego de Grão 3, 4 e 5 o poeta atribui-lhes valores outros. No 5º emprego, comparada à pedra, a palavra tem, contudo, outro objetivo. Enquanto a pedra entre os grãos de feijão apresenta o risco de quebrar dente, a palavra dá à frase viço, vigor, substituindo a leitura rotineira, corrente, pelo interesse em descobrir o que ela representa, como diz o poeta “açula a atenção”, logo o risco no catar, selecionar as palavras é positivo, é o trabalho do escritor, para transmitir a mensagem a que se propõe.

Trata-se da mesma unidade funcional: *grão* (substantivo), de um só significado que adquire na criação poética outros valores, acepções contextuais. Há, portanto, segundo a teoria de Coseriu, polivalência, não polissemia.

## BIBLIOGRAFIA

- 1- CÂMARA, J. Mattoso - *Dicionário de Filologia e Gramática*, 2ª.ed., Rio, Ozon-Editor, 1964.
- 2- BALDINGER, Kurt - *Teoria Semántica*, Madrid, Ediciones Acalá, 1970.
- 3- \_\_\_\_\_ idem, ibidem, pág. 43.
- 4- POTTIER, Bernard - *Presentación de la Lingüística*, trad., Madrid, Ediciones Acalá, 1968, pág. 54.
- 5- LYONS, John - *Linguistique Générale*, Paris, Librairie Larousse, 1970, pág. 312.
- 6- ULLMANN, S. - *Semântica - Uma Introdução à Ciência do Significado*, trad., 2ª.ed., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, pág. 369.
- 7- DUBOIS, J. et alii - *Dicionário de Lingüística*, trad. S. Paulo, Editora Cultrix, 1978.
- 8- LYONS, John - op. cit. pág. 346.
- 9- MARTINET, A. - *Elementos de Lingüística Geral*, trad., Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1964.
- 10- POTTIER, B. - *Lingüística Moderna y Filologia Hispánica*, Madrid, Editorial Gredos, 1964, pág. 132.
- 11- \_\_\_\_\_ *Lingüística Geral - Teoria e Descrição*, tradução e adaptação de Walmírio Macedo, Rio, Presença / Universidade Santa Úrsula, 1978, pág. 88.
- 12- COSERIU, E. - *Principios de Semántica Estructural*, Madrid, Editorial Gredos, 1977.
- 13- POTTIER, B. - *Linguistique Générale - Théorie et Description*, Paris, Klincksieck, 1974 (glossário).

\*\*\*